

BARBOSA, Gustavo. *The Best of Hard Times: Palestinian refugee masculinities in Lebanon*. Syracuse: Syracuse University Press, 2022.

De homens e pombos: liquefazendo gênero em Chatila, Líbano

Of men and pigeons: liquefying gender in Shatila, Lebanon

Liza Dumovich

Núcleo de Estudos do Oriente Médio, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

The Best of Hard Times, fruto da pesquisa de doutorado de Gustavo Barbosa entre os moradores de Chatila, um campo de refugiados palestinos em Beirute, é uma análise etnográfica da construção da masculinidade entre os *shabab* (rapazes) do campo. Com leveza e humor, o autor usa a metáfora da água para construir a sua etnografia e tornar inteligível a realidade local; com uma sensibilidade lírica, ele constrói uma conexão entre os *shabab* e o leitor. A partir de uma perspectiva crítica em relação ao feminismo neoliberal euro-americano, Barbosa mostra os limites de “gênero” enquanto um conceito binário que opõe homens e mulheres, cujas diferenças implicariam, necessariamente, uma hierarquia. O argumento central do autor é que, num contexto onde o “poder” é inexistente ou, no mínimo, bastante limitado, como ocorre entre os *shabab* de Chatila, essa noção de gênero se liquefaz. É o voo dos pombos criados pelos *shabab* que serve de metáfora para a masculinidade desses homens sem poder. Barbosa faz mais do que dissolver a pretensa universalidade e atemporalidade do conceito de gênero ou defender uma interseccionalidade entre gênero, idade, classe, etnicidade e nacionalidade. Ele propõe uma metodologia e epistemologia alternativas, que substituam posições rígidas por movimento: a “queerização” do pensamento intelectual e a produção de uma antropologia que seja mais permeável às realidades estudadas e menos domesticada pelo colonialismo acadêmico. A perspectiva queer nos permite vislumbrar outras formas de vida, relações e conexões.

Palavras-chave: Gênero, Masculinidade, Refugiados palestinos, Campo de refugiados, Líbano.

Recebido em 01 de março de 2022.

Aceito em 16 de março de 2022.



ABSTRACT

The Best of Hard Times is the result of Gustavo Barbosa's doctoral research with dwellers of the Shatila Palestinian refugee camp in Beirut. It is an ethnographic analysis of the construction of masculinity among the *shabab* (lads) of the camp. Thoughtfully and humorously, the author uses the water metaphor to weave his ethnography and lend intelligibility to the local realities; with a poetic sensibility, he builds a connection between the *shabab* and the reader. From a critical perspective in relation to much of the neoliberal Euro-American feminism, Barbosa shows the limits of "gender" as a binary concept opposing men and women, whose differences would, necessarily, imply a hierarchy. The author's central argument is that, in a context where "power" is inexistent or, at least, very limited, as it happens with Shatila's *shabab*, the concept of gender liquefies. It is the flight of pigeons raised by the *shabab* that serves as a metaphor for the masculinity of these powerless men. Barbosa does more than dissolve the supposed universality and atemporality of the concept of gender or preach for the intersectionality of gender, age, class, ethnicity and nationality. He proposes an alternative methodology and epistemology that engage movement rather than frozen positions: to queer the intellectual thought and the production of an anthropology that is more permeable to the studied realities and less tamed by academic colonialism. Queering allows us to envision other modes of living, relating, and connecting.

Keywords: Gender, Masculinity, Palestinian refugees, Refugee camp, Lebanon.

A água não morre, escreve Manuel Bandeira, por mais que maltratem o rio. A metáfora da água é o curso pelo qual o antropólogo Gustavo Barbosa percorre os estreitos corredores e lares de Chatila, um campo de refugiados palestinos em Beirute, Líbano. Com uma sensibilidade lírica, Barbosa conduz o leitor pelo campo até os seus moradores. No percurso, alguns pressupostos metodológicos, categorias e conceitos consolidados na tradição acadêmica se dissolvem na água que inunda Chatila. E o meio pelo qual Barbosa embarca na sua pesquisa é a empatia, uma disciplina que viabiliza não apenas a amplitude e a profundidade da sua etnografia, mas também a forma cuidadosa e leve com que o autor a constrói. Essa é uma etnografia com afeto. Não o afeto do tipo descrito por Favret-Saada (2005), suscitado pela experiência da alteridade, mas de um tipo que conecta, aquele produzido pela identificação. *The Best of Hard Times* é fruto da pesquisa de doutorado de Barbosa junto aos *shabab*, ou rapazes, de Chatila, a quem ele dedica seu livro.

O título do livro compreende, implicitamente, dois sujeitos: o etnógrafo e seus interlocu-

tores; e possui um triplo sentido. “*Hard time*” (da expressão coloquial “*to give someone a hard time*”, que pode ser traduzida como “dificultar as coisas” ou “dar trabalho” a alguém) se refere ao tratamento desdenhoso que os *shabab* reservam aos jornalistas, ativistas e pesquisadores que, constante e (muitas vezes) insensivelmente, passam por Chatila. E no caso de Barbosa não foi diferente, pelo menos no início da sua pesquisa de campo, quando ele se mudou para Chatila em 2007. Porém, a construção de uma amizade com os *shabab*, ao longo de dois anos de trabalho de campo, tornou a relação entre o etnógrafo e seus interlocutores “a melhor de todos os tempos”. Se os *shabab* continuaram a dificultar o trabalho de Barbosa, foi numa outra dimensão, aquela da investigação antropológica: os *shabab* liquefizeram muitos dos conceitos e categorias que Barbosa levou com ele para o campo e, assim, desnudaram estruturas de poder, sobretudo a acadêmica, na qual ele se amparava. Ao mesmo tempo, Barbosa nos apresenta “o melhor destes tempos tão difíceis” para os refugiados palestinos: um relato etnográfico de vidas marcadas por pobreza e sofrimento, mas também regadas a música e voos.

O objetivo de Barbosa é compreender as formas pelas quais os *shabab* de Chatila se tornam adultos e expressam o seu pertencimento ao sexo masculino. Para isso, ele empreende uma comparação entre a masculinidade cotidiana dos *shabab*, jovens submersos em precariedade, e a masculinidade revolucionária dos seus pais, os *fida'iyin*, ex-combatentes que lutaram para reconquistar a Palestina nos anos 1970 e que encarnam “os dias da revolução” (*‘ayyam al-thawra*). Mas Barbosa encontra mais do que diferenças entre os dois grupos; ele depara semelhanças entre realidades precárias, entre agentes sem poder e entre o etnógrafo e seus interlocutores. O argumento central de Barbosa é que “gênero”, assim como o seu onipresente par, “agência”, tem sido usado como um conceito disciplinador do pensamento e discurso acadêmicos, moldando a forma como nós, etnógrafos, construímos a relação com os sujeitos da nossa pesquisa e enxergamos as relações que eles constroem entre si. Num contexto onde o “poder” é inexistente ou, no mínimo, bastante limitado, como ocorre entre os *shabab* de Chatila, “gênero”, enquanto um conceito binário que opõe homens e mulheres, se liquefaz. Nesse contexto etnográfico, as diferenças entre homens e mulheres não são, necessariamente, organizadas de forma hierárquica, afirma Barbosa. Como, então, os *shabab* de Chatila constroem e expressam a sua masculinidade? Essa é a pergunta que vai nortear a análise de Barbosa.

Na introdução, intitulada *Thinking Through Water*, o autor situa a turbulenta trajetória dos palestinos no Líbano por meio da “história da água” em Chatila. A forma como o acesso a água potável em Chatila tem sido administrado serve de metonímia para entender o fluxo mais geral dos recursos e da precariedade que percorre o campo e transborda para além de suas fronteiras. A história dos palestinos no Líbano se inicia com a Nakba (Catástrofe), quando

cerca de 750.000 palestinos foram expulsos da Palestina após a criação do Estado de Israel, em 1947, e a Primeira Guerra Árabe-Israelense no ano seguinte. Durante “os dias da revolução” (1967-1982), o fornecimento de água potável foi garantido; no entanto, a “era de ouro” da resistência militar palestina no Líbano teve o seu fim com a invasão militar israelense do Líbano e a partida dos *fida'iyyin*. A Guerra Civil libanesa (1975-1990), incluindo o massacre de Sabra e Chatila em 1982, destruiu o sistema de água encanada, esgoto e escoamento de água de chuva do campo. Além de foco de disputas entre palestinos, libaneses e os governos sírio e israelense, Chatila também foi testemunha de disputas internas aos próprios palestinos, cujo estopim foi a Guerra dos Campos (1985-1987) e os conflitos entre as diferentes facções palestinas de Chatila. Em 1989, o Acordo de Taef, que oficializou o final da Guerra Civil libanesa e fez dos palestinos o bode expiatório do conflito, consolidou a sua marginalização econômica, social e política através da adoção de uma legislação restritiva para a comunidade palestina no Líbano (como a proibição de possuir um imóvel e de exercer mais de 70 profissões, além da exigência de obter permissão de trabalho). Em decorrência do enfraquecimento político da comunidade palestina, o Estado libanês tomou um dos três poços artesianos que forneciam água potável a Chatila, enquanto o destino dos outros dois poços se conecta aos impasses administrativos que são fruto das disputas entre as múltiplas facções políticas no campo. Esse recorte histórico reflete as vicissitudes da história dos palestinos no Líbano, porque, embora eles se refugiem no país, lhes são negados os instrumentos para construir uma vida digna, como o livre acesso ao mercado de trabalho e o direito à propriedade. Do mesmo modo, embora os moradores de Chatila tenham acesso à água, eles carecem de água potável e saneamento básico.

Barbosa inicia o primeiro capítulo, *Submerging: Under Siege*, com um relato do episódio que marcou o seu próprio amadurecimento enquanto etnógrafo, quando em maio de 2008 se viu numa Beirute sitiada, resultado de um conflito entre os partidos políticos Hezbollah e Mustaqbal. A experiência de vulnerabilidade, solidariedade e identificação com o interlocutor foi transformadora tanto para o autor, pessoalmente, quanto para o encontro etnográfico, reconfigurando a abordagem metodológica e o entendimento sobre o objeto da sua pesquisa: “gênero”. Ao ver-se totalmente desprovido do saber local e munido de princípios metodológicos inadequados, Barbosa se confrontou com o fato de que, ali, era ele também um homem sem poder.

No segundo capítulo, *Drowning by Numbers and Legislation: Statistics and (Non)State Making in Shatila*, Barbosa expõe os limites de uma análise baseada em dados estatísticos. Os números oficiais relativos ao tamanho, composição e renda das famílias em Chatila retratam uma economia “imaginada”, forjada a partir de uma perspectiva legalista e economicista. Barbosa propõe, portanto, uma perspectiva distanciada do Estado para tornar possível uma análise

livre do enquadramento liberal, obcecado por noções como “soberania”, “poder” e “autoridade”. O autor descortina práticas da vida privada de moradores de Chatila, onde a economia funciona por mecanismos que fogem aos olhos do Estado libanês, tais como poupança na forma de joias de ouro, circulação de recursos através dos dotes de casamento (e divórcio), acesso a fundos comunitários em caso de necessidade, remessas e presentes de parentes trabalhando no exterior. Ademais, o autor afirma que não há um “estado de exceção” em Chatila – ou mesmo em qualquer campo de refugiados – porque as barreiras à inclusão socioeconômica não são exclusivas ao campo; pelo contrário, são comuns aos contextos onde o Estado não está (ou está minimamente) presente, como ocorre em outras comunidades carentes, seja nos bairros pobres de Beirute ou nas favelas brasileiras. Nesse capítulo, a análise de Barbosa mostra que categorias totalizantes, como “palestinos” e “campo de refugiados”, são generalizações que induzem a equívocos analíticos porque tornam invisíveis suas especificidades, mas também suas semelhanças com outros contextos e grupos menos “excepcionais”.

No capítulo 3, *Swirling and Twirling: The Fida’iyyin’s Heroism and the Shabab’s Burden*, Barbosa contrasta as trajetórias de vida e os ideais dos *fida’iyyin* e dos *shabab*. Enquanto os *fida’iyyin* se encaixam no esquema conceitual de “gênero” que pressupõe diferenças no acesso ao poder entre homens e mulheres e a hegemonia daqueles sobre essas, os *shabab* desafiam e liquefazem “gênero”, tal como o conceito tem sido construído e mobilizado pelo feminismo (seja acadêmico ou ativista). De forma alguma emasculados, os *shabab* constroem as suas trajetórias masculinas e expressam a sua masculinidade não hegemônica por outros meios que não o exercício de poder. Os *shabab* de Chatila tornam-se homens ao atingirem a capacidade de compreender o mundo e a vida com racionalidade, consciência e sabedoria, o que se expressa na construção de um lar e de uma família. Tornar-se um homem adulto também pode acontecer de forma involuntária, como levar um tiro ou ser preso, por exemplo. Entre o heroísmo dos *fida’iyyin* e o fardo dos *shabab* – a impossibilidade de reproduzir o ideal tradicional de masculinidade – existe a precipitação do tempo. Se o tempo dos *fida’iyyin* é o passado e o espaço ao qual ele se conecta é a Palestina, o tempo dos *shabab* é o presente e se conecta a Chatila. Para os *fida’iyyin*, um futuro é possível; para os *shabab*, há pouca (ou nenhuma) esperança. E o autor aponta para o resultado da decantação dessas masculinidades: uma é “ideal” e a outra é prática; uma reforça os estereótipos da “masculinidade hegemônica” do homem médio-oriental e serve aos discursos sobre gênero, poder e hierarquia, enquanto a outra corrompe esse esquema conceitual, ao mostrar formas alternativas, porém não menos válidas, de ser homem e expressar masculinidade.

A dissonância entre o tempo e o espaço dos *fida’iyyin* e o tempo e o espaço dos *shabab* é

o tema do capítulo 4, *Pororoca, Thinking through Music*. Barbosa usa a Pororoca, grande onda formada pelo confronto impetuoso entre a força do oceano e a corrente fluvial, na Amazônia, como uma metáfora para a relação entre os *shabab* e os *fida 'iyyin*. Como aquele fenômeno natural que derruba árvores e modifica o leito do rio, as interações entre os rapazes de Chatila e seus pais se constituem de embates e novas conformações. Enquanto o senso de *self* dos *fida 'iyyin* é informado pela reivindicação do direito de retorno à Palestina e de um protagonismo na reconquista da pátria mãe, os *shabab* se preocupam com a urgência do presente, em como lidar com a realidade cotidiana de Chatila. A canção que simboliza os primeiros é *Romana* (Granada), uma marcha nacionalista que exalta o passado revolucionário dos *fida 'iyyin* e chora a partida da liderança palestina de Beirute em 1982. O rap *Ahlan fik bil-mukhayyamat* (Bem-vindo aos campos), que descreve em tom de protesto a vida precária dos palestinos nos campos de refugiados nos dias atuais, representa os *shabab*. Para esses, a resistência está na luta diária pela sobrevivência. Revolucionário porque constrói uma imagem da nação que não se vincula, necessariamente, a um território, o rap dos *shabab* é também político e um instrumento de resistência, porque expõe os desafios, injustiças e disputas de poder que oprimem os palestinos no Líbano atual.

O capítulo 5, *Noncockfights*, em referência ao livro de Geertz (2000), contrasta a briga de galos balinesa e a criação de pombos em Chatila. Decerto ambas são práticas reservadas aos homens e se organizam de acordo com certos códigos morais locais. No entanto, em Bali, é o prestígio social e político que se reproduz por meio da participação na briga de galos; enquanto, em Chatila, é a imobilidade que se vence pelo voo livre, embora curto, dos pombos. E como identidade de gênero e performatividade são indissociáveis (BUTLER, 2010), Barbosa enxerga na arte do rap e na arte de soltar pombos duas formas de construção, não de gênero, mas de vida e movimento.

Barbosa conclui sua etnografia lapidar com o capítulo 6, *Resurfacing: the antilove of empire*. Ao tomar Chatila como ponto de fuga, Barbosa examina o apego euro-americano ao caráter normativo de certas categorias, tais como “gênero”, “poder”, “juventude” e “geração”. É como se o imperialismo neoliberal dependesse da crença na sua universalidade e atemporalidade para sustentar o mito narcísico da sua superioridade política e moral sobre o sul global. O autor propõe, então, um deslocamento da perspectiva etnográfica e um enquadramento teórico menos cristalizado para se pensar noções como “poder” e “gênero”. Esse reposicionamento é possível por meio da incorporação do problema da tradução cultural de “gênero” aos usos (ou não) dessa categoria. Mais do que apontar para a necessidade de se considerar a tão já falada interseccionalidade, Barbosa propõe a queerização de “gênero”. A perspectiva queer permite um uso mais fluido dos conceitos, um que seja aberto a outras formas de conceber identidade,

subjetividade e representação; ela permite múltiplos reenquadramentos. Aqui, talvez seja possível arriscar uma outra metáfora: o voo dos pombos de Chatila é a queerização da cidadania, a corporificação de um movimento que improvisa, desafia a ordem nacional (e supostamente natural) das coisas quando o agente é o refugiado. Por mais que trucidem Chatila, ela não morre, e suas gentes, como as gotas de água, são maiores do que o rio e são fortes como os gelos polares.

REFERÊNCIAS

1. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
2. FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

Liza Dumovich

Pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos do Oriente Médio da Universidade Federal Fluminense. Doutorado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9804-7234>. E-mail: lizadumovich@gmail.com